

A mobilidade cotidiana campo-cidade nas sociedades rurais em Cajuri e Coimbra/MG

Elenice Aparecida Coutinho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, Rio Grande do Sul,
Brasil.

e-mail: eleniceufv2004@gmail.com

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

e-mail: louisefiuz@ufv.br

Resumo

Analisar o cotidiano das pessoas que vivem no campo a partir dos deslocamentos contribui para compreender como se estrutura o modo de vida dos rurais em meio às transformações no contexto de urbanização das sociedades rurais. O objetivo deste artigo é analisar as características do deslocamento de habitantes do campo em direção a cidade e apontar alguns elementos de como este processo influencia em seus modos de vida. A pesquisa teve caráter *cross-sectional*, com a aplicação de 94 questionários nos municípios de Cajuri e Coimbra/MG. Os resultados revelam que estes deslocamentos se distinguem daqueles retratados nos estudos de pendularidade urbana atrelada à demandas relacionadas ao trabalho e ao estudo. A mobilidade estava majoritariamente relacionada às demandas por bens e serviços dentro do próprio município de origem, sendo que os deslocamentos não cotidianos se direcionavam para fora do município de origem. O estudo apontou, ainda, que os padrões de deslocamento são diferentes considerando-se o gênero, faixa etária. E a mobilidade cotidiana constitui nos pequenos municípios como um mecanismo importante para as trocas materiais e culturais dos rurais com os citadinos.

Palavras chaves: Mobilidade Cotidiana; Campo-Cidade; Modo de Vida.

The daily mobility field-city in rural societies in Cajuri and Coimbra / MG

Abstract

Analyzing the daily life of people living in the countryside from the displacements helps to understand how the rural way of life is structured in the midst of transformations in the context of the urbanization of rural societies. The objective of this article is to analyze the characteristics of the displacement of the inhabitants of the field towards the city and to point out some elements of how this process influences in their ways of life. The research was cross-sectional, with the application of 94 questionnaires in the municipalities of Cajuri and Coimbra / MG. The results reveal that these displacements are distinguished from those portrayed in the studies of urban pendularity linked to demands related to work and study. Mobility was mainly related to the demands for goods and services within the municipality of origin, and non-daily movements were directed outside the municipality of origin. The study also pointed out that the patterns of displacement are different considering the gender, age group. And the daily mobility constitutes in the small municipalities as an important mechanism for the material and cultural exchanges of the rural ones with the city-dwellers.

Keywords: Daily Mobility; Countryside-City; Way of Life; Cajuri and Coimbra; Minas Gerais.

La movilidad cotidiana campo-ciudad en las sociedades rurales en Cajuri y Coimbra / MG

Resumen

Analizar el cotidiano de las personas que viven en el campo a partir de los desplazamientos contribuye a comprender cómo se estructura el modo de vida de los rurales en medio de las transformaciones en el contexto de urbanización de las sociedades rurales. El objetivo de este artículo es analizar las características del desplazamiento de habitantes del campo hacia la ciudad y señalar algunos elementos de cómo este proceso influye en sus modos de vida. La investigación tuvo carácter cross-seccional, con la aplicación de 94 cuestionarios en los municipios de Cajuri y Coimbra / MG. Los resultados revelan que estos desplazamientos se distinguen de aquellos retratados en los estudios de pendularidad urbana vinculada a demandas relacionadas al trabajo y al estudio. La movilidad estaba mayoritariamente relacionada a las demandas por bienes y servicios dentro del propio municipio de origen, siendo que los desplazamientos no cotidianos se dirigían hacia fuera del municipio de origen. El estudio apuntó, además, que los patrones de desplazamiento son diferentes considerando el género, grupo de edad. Y la movilidad cotidiana constituye en los pequeños municipios como un mecanismo importante para los intercambios materiales y culturales de los rurales con los municipios.

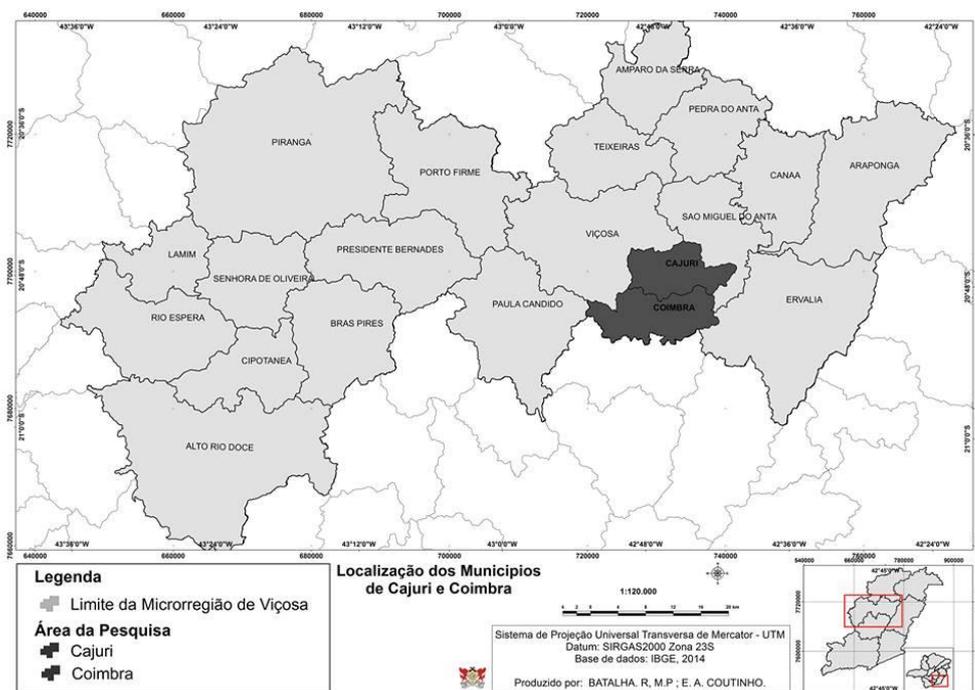
Contraseñas: Movilidad cotidiana; Campo-Ciudad; Modo de vida; Cajuri y Coimbra; Minas Gerais.

Introdução

O campo brasileiro vem apresentando de forma cada vez mais intensas mudanças na forma de ocupação do solo e em sua organização social. Dentre as principais transformações destacam a incorporação de tecnologias na agricultura, as melhorias nos meios de transportes e de comunicação que vêm aproximando os espaços e estreitando a interação entre citadinos e rurais.

Este estudo está circunscrito ao contexto dos pequenos municípios de Cajuri e Coimbra, que se localizam na microrregião de Viçosa, pertencente à mesorregião Zona da Mata Mineira do estado de Minas Gerais.

Mapa 1: Localização dos Municípios Pesquisados



Fonte: Base de dados IBGE, 2104. Produzido por BATALHA, R. M.P.; COUTINHO, E. A.

A escolha dos dois municípios se deu pelo fato deles apresentarem, segundo IBGE (2010), características típicas de mais de 80% municípios brasileiros: população abaixo de 20 mil habitantes, baixa densidade demográfica, função predominantemente residencial, economia baseada na oferta de serviços e pouco diversa. O objetivo deste artigo é analisar as características do deslocamento de habitantes do campo em direção a cidade e discutir elementos de como este processo influencia seus modos de vida. Ao se estudar os deslocamentos cotidianos realizados pelos habitantes do campo nestes pequenos municípios foram mapeados a intensidade dos seus deslocamentos e o tipo de demandas que tinham em relação à cidade, considerando as variáveis de gênero e “faixa etária”.

Um aspecto importante a se considerar aqui diz respeito à originalidade no estudo do deslocamento cotidiano entre campo e cidade realizado pelos habitantes do campo. Geralmente, o “deslocamento cotidiano” é objeto dos estudos urbanos. De tal modo, estudar as características deste tipo de mobilidade considerando-se os moradores do campo pode trazer importantes informações sobre a dinâmica social em pequenos municípios, que representam a expressiva maioria dos municípios brasileiros. O movimento cotidiano¹, a partir do deslocamento pendular² tem sido comumente estudado a partir dos fluxos vinculados ao trabalho e ao estudo. Entretanto, como o próprio IBGE (2011) adverte este tipo de mobilidade

¹ A mobilidade cotidiana é aqui compreendida enquanto a micromobilidade que se dá em uma escala temporal curta.

² Considerado o deslocamento diário residencial para o trabalho ou estudo.

além de ter forte ligação com o movimento da economia, está relacionado, também, com a sociedade de uma forma mais ampla, visto que este pode se refletir em ações individuais e coletivas.

Neste sentido, analisar o cotidiano das pessoas que vivem no campo a partir dos deslocamentos pode contribuir para compreender a mobilidade para além do mercado de trabalho, da busca por educação e avança sobre como se estrutura o modo de vida dos rurais em meio às transformações no contexto de urbanização³ das sociedades rurais⁴. Estas sociedades vêm sendo marcadas, gradualmente, pela diversificação produtiva e pela pluriatividade⁵ no campo. Os agricultores e a sociedade rural, como um todo, passam a vivenciar, então, em diferentes intensidades, os efeitos da reestruturação econômica e social que atinge os pequenos municípios, os quais se revelam no aparecimento de novas atividades econômicas e culturais.

Para além desta “Introdução” apresenta-se o “Marco Teórico” – Modos de Vida e Mobilidade Campo-Cidade – que reflete brevemente o que consiste a mobilidade campo-cidade e suas relações com o modo de vida rural. Em seguida apresentamos os procedimentos metodológicos, os instrumentos de coleta e análise de dados, detalhando questões relativas à amostragem e as justificativas para a pesquisa nos dois municípios pesquisados. A quarta sessão, se refere aos principais resultados da mobilidade rotineira dos rurais, e está subdividida em duas partes que trazem as especificidades da mobilidade cotidiana distintamente em gênero e faixas etárias evidenciando que o modo de vida rural reflete demandas próprias em jovens, adultos, idosos, homens e mulheres. A quinta parte, referente às conclusões, aponta o quanto o modo de vida rural visto a partir dos deslocamentos rotineiros dos rurais para a cidade refletem situações e demandas cotidianas cada vez mais vinculadas ao modo de vida considerado urbano. Igualmente vai ao encontro de estudos que apontam o campo como um espaço não essencialmente agrícola. Além disso, a mobilidade campo – cidade se distingue em gênero e faixa etária dos estudos de pendularidade destacados no censo demográfico, estes vinculados para trabalho e estudo. Os deslocamentos se comprovaram ainda atrelados principalmente a demandas de consumo por bens e serviços concentrados na cidade, fato que poderia servir como um importante indicador

³ Por urbanização das sociedades rurais entende-se, os fenômenos, por meio dos quais os padrões de vida, inicialmente, citadinos, alcançam o campo, tais como os relacionados à forma de morar, ao consumo de bens, de serviços e de tecnologias domésticas e agrícolas advindas com o avanço da modernidade, etc.

⁴ A expansão da Cultura Urbana para as sociedades rurais foi estudada por Lefbvre (2001), Rambaud (1973), Wirth (1979).

⁵ Segundo Wanderley (2009) a pluriatividade não constitui necessariamente o abandono das atividades agrícolas, mas frequentemente expressa uma estratégia familiar para garantir a permanência no meio rural e os vínculos com o patrimônio familiar.

para a elaboração de políticas públicas inovadoras para o campo, o quanto estudar o campo passa pelo entendimento cultural dos sujeitos.

Modos de Vida e Mobilidade Campo-Cidade

As inúmeras transformações no campo brasileiro, de caráter recentes, têm sido impulsionadas pelas relações capitalistas de (re)produção que estreitam e colocam em relevo a interação entre as formas de se viver na cidade e no campo. Ao retratar os modos de vida no campo e na cidade, é primeiro importante esclarecer que entende-se campo e cidade como espaços físicos de assentamento humano. E urbano e rural enquanto conteúdos sociais, ou seja, expressões de formas de ser e fazer, de hábitos, podendo ser compreendidos também como adjetivação territorial ENDLICH (2010); SPOSITO (2010). Nas palavras de Wanderley (2000; 2009) o campo é visto como uma categoria que se transforma podendo compreender diversos aspectos sociais mais ou menos tradicionais que dão forma ao campo a partir das expressões de rural (re) produzidas. Portanto, ainda que menos tradicional ou marcado por características essencialmente agrícolas, não estaríamos diante de um novo rural ou do fim do rural, mas de uma nova ruralidade que na sociedade moderna, não se estabelece como uma essência cristalizada e imutável.

O autor francês Placide Rambaud⁶ (1973) ao analisar a sociedade rural francesa, depois da Segunda Guerra Mundial, fez uso da concepção de urbanização do campo para explicar como as categorias urbano e rural enquanto modos de vida passam a ser também transformadas como consequência da relação campo e cidade. O referido autor caracterizou a urbanização como um complexo processo de circulação cultural, no qual as mudanças ocorreriam de forma distinta entre os grupos sociais, mesmo dentro de um mesmo *village*. As transformações ocorridas nas sociedades rurais advinham da circulação de pessoas, de bens e serviços relacionados à “Cultura Urbana”.

Em síntese, os rurais “incorporam” modos de vida urbanos em suas relações assim como nas aquisições de bens de consumo e serviço que chegam ao campo pela proximidade desses dois espaços que passam a não ser vistos com antagônicos. Contudo, essa movimentação significativa impactava de forma distinta os diferentes grupos sociais. Rambaud (1973) advertiu que as mulheres e os jovens se revelaram mais acessíveis e

⁶ Para maiores detalhes consultar: SILVEIRA, N. L.; COUTINHO, E. A.; FIUZA, A. L. C. A atualidade da obra sociedade rural e urbanização, de Placide Rambaud, para a compreensão das transformações do campo no Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura** (UFRRJ), v.21, p.160 -, 2013.

curiosos às mudanças culturais urbanas. O autor constatou ainda que estes grupos tinham maior aderência e à adoção de novas tecnologias, tornando-se difusores hábitos e valores até então novos no campo. Ao contrário os homens adultos e os idosos se declaravam mais resistentes à inclusão de hábitos e valores nativos da cidade.

De forma precursora a obra de Rambaud (1973) nas aldeias francesas revelou que o modo de vida dos rurais se transformou de forma processual e heterogênea. Sua pesquisa contribuiu de forma apreciável para os estudos das transformações do campo, porque o autor verificou que processo de penetração da cultura urbana nas sociedades rurais ocorre por meio de vários veículos como, por exemplo, o turismo rural, a educação, o jornal, as atividades não agrícolas, o reordenamento fundiário, uso de tecnologias, principalmente. Deste modo, os estudos de Rambaud (1973) levam a admitir que a maior concatenação entre campo e cidade maior será a sinergia dos modos de vida entre elas. Este processo pode ser dar por meio do acesso dos rurais a novas atividades no mercado de trabalho no campo e na cidade, pelo uso dos meios de informação e de comunicação, da aquisição de meios de locomoção, pelo consumo de bens processados ou industrializados, também, pela oferta de serviços de lazer por parte dos rurais aos cidadãos, etc. Todo este contexto aponta para o avanço do processo que Rambaud (1973) denominou de urbanização dos modos de vida no campo, e se dá de forma gradual e heterogênea.

Em relação ao termo urbanização do campo Rambaud (1973) afirmava que este processo se faria por meio da aculturação do modo de vida rural ao urbano, e o mesmo não implica em um processo homogeneizado e sincronizado. Em outras palavras, trata-se de uma incorporação processual, e seletiva - parte de alguns segmentos da sociedade rural - de hábitos de consumo e aprendizado. Isto se traduz em escolhas feitas pelos rurais a partir de avaliações daquilo que considerariam relevantes para si entre os elementos da cultura urbana. Poderia ser um refrigerante, uma camiseta, um trator, um estilo musical, um modo de falar etc.. A aculturação implicaria, portanto, em graus de abertura diferenciados na adoção de novas práticas sociais que são diretamente dependentes da possibilidade e forma de acesso que os moradores do campo têm em relação a valores, bens e serviços presentes na cidade.

Os deslocamentos rotineiros dos rurais possuem uma dinâmica própria, distinta da realizada pelos cidadãos, principalmente, no que se refere aos movimentos diários que ocorrem nas metrópoles. A mobilidade como um todo, se constitui em um fenômeno de crescente relevância demográfica, econômica, psicológica, social, política e nas últimas duas décadas tem recebido especial atenção do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) ⁷. No entanto, os estudos relativos à mobilidade humana fazem referência, principalmente, à migração, tanto entre países, como em nível nacional, ou, ainda, para áreas de formação de fronteiras e para regiões metropolitanas. Atualmente, os deslocamentos compreendidos pelo curto espaço de tempo também têm ganhado relevância por serem entendidos como essenciais à compreensão das dinâmicas regionais, como enfatizado por Vainer (1998), Cunha (2005), Pereira (2008), Stamm & Staduto (2008), Ribeiro & Paternak (2009), Pereira & Herrero (2011), IBGE (2011), dentre outros.

No que diz respeito ao fato do estudo ter sido realizado em pequenos municípios, cabe esclarecer que o número de habitantes de um município tem sido critério internacionalmente utilizado para classificá-lo. No Brasil, os argumentos científicos utilizados para caracterizar os municípios têm sido desprezados, vindo predominar desde 1934 os critérios político-administrativos (SANTOS, 1979). Na literatura científica, a urbanização é comumente expressa em espaços onde existem maiores efeitos da tecnologia e da informação, que aglutinam um maior número de pessoas, de infraestrutura e de bens e serviços. Mas este processo, que teve início na cidade, não se restringe mais a ela. A demanda por saúde e educação, os consumos de eletrodomésticos e de tecnologias da informação vêm ampliando o fenômeno da urbanização para além do campo (ENDLISH, 2009).

Segundo Santos (1979) haveria uma dependência entre cidades em forma de pirâmide, em que as de nível superior satisfariam as demandas de produtos e serviços das cidades locais. Todavia, em estudos posteriores, Santos (1996) e Côrrea (1999) atestaram que esta dependência já não se apresentava de uma forma tão rígida e assimétrica em relação às “cidades regionais”, em função da expansão técnico-científico-informacional ter possibilitado às “cidades locais” participarem e realizarem trocas em diferentes circuitos da economia, vindo a se vincular a mais de uma rede urbana. As cidades locais denominadas desta forma por Santos (2012) seriam, pois, marcadas em grande medida pela ampla interdependência das trocas materiais e imateriais entre o campo e a cidade.

É nítido que a maior ou menor inserção do campo no processo de urbanização pode fazer com que a expressão do urbano seja nele mais acentuada ou não. A este fenômeno os autores como Graziano (1997), Favareto (2007), Kageyama (2008) vêm denominando de *continuum* “rurbano”, o qual apontaria para o fim das oposições binárias entre campo e cidade. A diferenciação entre estes espaços seria muito mais em função da intensidade e da

⁷ De acordo com o relatório sobre o movimento pendular elaborado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2009, a abordagem sobre este tipo de movimento populacional não é nova na Geografia ou na Demografia, tendo sido incorporada pela primeira vez no censo brasileiro em 1970.

significação entre os elementos constitutivos de ambos os espaços. Contudo, tal processo de aproximação entre os modos de vida daqueles que vivem no campo e na cidade, não apontaria para um processo de homogeneização cultural, em função, justamente, de tais influências serem absorvidas e resignificadas em nível local, de forma heterogênea até mesmo entre os indivíduos que compõem um mesmo grupo social. Este fenômeno pode ser observado entre os jovens e as mulheres, que geralmente têm maior anseio por buscar se integrar à dinâmica urbana em comparação a homens adultos e idosos.

Os deslocamentos cotidianos do campo para a cidade em pequenos municípios permite a percepção da influência dos padrões culturais urbanos expressos nas pessoas que vivem campo. No estudo sobre a pendularidade de trabalhadores rurais no interior de São Paulo, Maciel & Favoretto (2012, p.01) afirmam que “(...) a pendularidade modifica e solidifica os espaços rurais”. Nas cidades estudadas pelas autoras foi identificado que as situações de precariedade das famílias faziam com que elas se inserissem tanto no mercado formal quanto no mercado informal, na cidade e no campo, como forma de reprodução social. Maciel & Favoretto (2012, p.03) afirmam que a “(...) mobilidade cotidiana – de famílias e indivíduos – seria decorrente de diversas motivações e não implicaria a mudança definitiva das mesmas dos seus espaços sociais de vida”. Neste caso, o deslocamento se constituiria em uma estratégia familiar de sobrevivência.

Procedimentos metodológicos

O município de Cajuri, segundo os dados do IBGE (2010), possui uma população de 4.407 habitantes, sendo que 1.951 (44,27%) residem no campo e 2.456 (55,73%) na cidade. A paisagem é composta por propriedades familiares baseadas na produção de café, banana e feijão. Além da agricultura de mão de obra familiar e contratante de trabalhos sazonais. O setor público se constitui na principal opção de emprego do município, por meio de cargos ao nível municipal e estadual. Já a cidade de Coimbra, de acordo com o último censo (IBGE, 2010) possui população de 7.054, sendo 1.898 (26,90%) correspondente à que vive no campo e 5.156 (73,1%) à população na cidade. A paisagem rural também é composta por agricultores familiares e predominantemente plantações de café, tomate e feijão e grandes propriedades não são comuns. O espaço urbano de Coimbra é economicamente mais dinâmico com maior oferta de produtos e serviços em relação à cidade de Cajuri, entretanto, o setor público em ambos os municípios constituem uma importante fonte de emprego e renda.

O cálculo da amostra dos residentes rurais dos municípios foi efetuado a partir de um levantamento realizado na base de dados do IBGE (2010) levando-se em conta o sexo e as

faixas etárias elaboradas pelo Instituto. Em Cajuri obteve-se o total de 1.530 pessoas em Cajuri e em Coimbra com 1.399 totalizando 2.929 pessoas. As faixas etárias selecionadas foram delimitadas considerando-se os seguintes estratos: o dos “jovens”, de 15 a 19 anos; o dos “jovens adultos” de 20 até 29; o dos “adultos” entre 30 a 49; o dos “adultos maduros” entre 50 a 60 anos; e dos “idosos” com mais de 60 anos. Para o cálculo da amostra, considerou-se além da população total que vive no campo em ambos os municípios, 2.929 pessoas, o erro de 10% e a confiança de 95%. Os cálculos da amostra foram realizados segundo a fórmula da proporção finita de Bolfarine e Bussab (2005), dada por:

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde:

n = tamanho amostral
Z = valor tabelado de uma distribuição normal
N = tamanho populacional
E = margem de erro ou erro máximo de estimativa
p = proporção populacional de indivíduos que pertence à categoria que estamos estudando
q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 – p).
α = nível de significância

Fonte: Bolfarine e Bussab (2005).

Como os valores populacionais p e q eram desconhecidos, substituiu-se pelos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} por 0,5. Para proceder ao cálculo somou-se o número total de moradores do campo em cada município, representado na fórmula por N. Desta forma, o cálculo foi realizado com os seguintes valores:

$$n = \frac{(1,96) \cdot (0,5) \cdot (0,5) \cdot (2.929)}{(1,96) \cdot 0,5 \cdot 0,5 + (2.929 - 1) \cdot (0,10)} = 94$$

Tendo em vista a desigualdade entre o número absoluto de pessoas residentes nos dois municípios⁸ aplicou-se a proporção para manter a correspondência com a população relativa a cada município. A fórmula aplicada foi:

$$n_i = \frac{n \times N_i}{N}, i = 1, 2$$

Onde:

⁸ O município de Cajuri com o total de população urbana muito próxima do total de população rural, e o município de Coimbra o total da população rural é inferior ao total da população urbana.

n = tamanho amostral referente a um determinado município
n = tamanho amostral
N_i = tamanho populacional referente ao município
N = tamanho populacional
i = refere aos municípios pesquisados

Fonte: Adaptação das autoras para expor os elementos da fórmula utilizada para o cálculo proporcional da amostra.

Aplicando essa fórmula para o município de Cajuri obteve-se:

$$N1 = \frac{94 \cdot (1.530)}{2.929} = 49 \text{ pessoas}$$

Para Coimbra obteve-se:

$$N2 = \frac{94 \cdot (1.399)}{2.929} = 45 \text{ pessoas}$$

Como estratégia de garantia de acesso à informações atualizadas sobre a população do campo, o levantamento dos dados sobre as comunidades dispersas nas áreas rural e famílias foi consultada a secretaria de saúde de cada município a partir dos dados do Programa de Saúde da Família (PSF). Assim, foi possível conhecer o número de membros de cada casa distinguindo em sexo e idade, os quais foram tabulados e sorteados por meio do programa RADON⁹. No município de Cajuri foram entrevistadas¹⁰ 49 pessoas e em Coimbra 45, conforme dispostos abaixo.

⁹ Software de uso livre na internet. Disponível no site: <http://www.random.org/>, configura uma amostragem probabilística aleatória. Acesso em 11 set. de 2013

¹⁰ As entrevistas foram realizadas durante três meses no ano de 2013. Os técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) de cada município foram facilitadores no transporte durante as entrevistas no campo e contribuíam na divulgação da pesquisa entre os interlocutores.

Tabela 1: Amostra Proporcional Entre as Faixas Etárias e o Sexo

Faixas etárias	Pop. da pesq.	Total de questionários	Sexo masc.	Total de questionários masculinos	Sexo Fem.	Total de questionários femininos
15 a 19 anos (jovens)	326 (11,1%)	11 (11,7%)	175	6 (6,4%)	151	5 (5,3%)
20 a 29 anos (jovens adultos)	551 (18,8%)	17 (18,0%)	236	9 (9,6%)	245	8 (8,4%)
30 a 49 (adultos)	1.108 (37,9%)	36 (38,2%)	577	22 (23,3%)	657	14 (14,9%)
50 a 59 (adultos maduros)	431 (14,7%)	14 (14,8%)	226	7 (7,4%)	205	7 (7,4%)
Acima de 60 (idosos)	513 (17,5%)	16 (17,0%)	281	8 (8,5%)	232	8 (8,5%)
Total	2.929 (100%)	94 (100%)	1.214	52 (55,32%)	1.490	42 (44,78%)

Fonte: IBGE (2010); Dados da Pesquisa (2014). Elaboração: autoras.

Os procedimentos metodológicos estão sinteticamente expostos na figura:

Figura 1: Síntese dos Procedimentos Metodológicos

Elaboração: Autoras, 2018.

Para a análise das características dos deslocamentos rotineiros realizados pelos rurais, a metodologia considerou as variáveis: tempo, distância e frequência. Quanto às extensões percorridas foram criados quatro grupos: de 0 a 10 km, “Deslocamentos de Curta Distância”; de 11 a 20 km, “Deslocamentos de Médias Distâncias”; de 21 a 50 km, “Deslocamentos de Longas de Distâncias”; e os Deslocamentos superiores a 51 km, como “Muito Longos”. O tempo gasto contabilizado em minutos, também seguiu esta mesma lógica, sendo classificado como: “De Curto Prazo”, de 0 a 20 minutos; “De Médio Prazo” entre 21 e 40 minutos; “De longo Prazo” no intervalo de 41 a 60 minutos; e “De Muito longo Prazo” acima de 60 minutos. Quanto à frequência o número de deslocamentos foram considerados “Baixo”

quando ocorreram até 7 vezes ao mês, “Médio” variando entre 8 e 15 vezes, “Frequente” de 16 a 30 e considerado “Elevado” entre 31 e 60 ocasiões ao mês identificado como maior número de deslocamentos, isto é duas vezes ao dia. Os intervalos apresentados aqui foram criados baseados nos resultados da pesquisa, ou seja, na prática dos rurais ao se deslocarem para a cidade, portanto, em parâmetros que refletem o modo de vida deles em relação à mobilidade cotidiana efetuada.

O *survey* foi aplicado aos indivíduos sorteados a partir de quinze anos¹¹, em virtude de apresentarem maior possibilidade de autonomia tanto para efetuar os deslocamentos, quanto para responder às questões investigativas, e normalmente os jovens, nesta idade, já cursam o ensino médio. Os dados coletados foram sistematizados e analisados com a ajuda do *software* SPSS versão 20.0. Nesta primeira etapa utilizaram-se indicadores relativos ao perfil socioeconômico tais, como: sexo, idade, escolaridade, propriedade da terra, renda agrícola, renda não agrícola, tamanho da família, tamanho da propriedade, acesso e uso de meios de comunicação, acesso a veículos automotores, tempo de residência no campo, entre outras.

Para a caracterização dos movimentos cotidianos entre o campo e a cidade foram considerados os indicadores básicos relativos as distâncias percorridas, à frequência, ao tempo gasto, às finalidades do deslocamento, ao meio de transporte, entre outros. As condições das vias de deslocamento apresentavam características comuns, ambas são estradas de terra (sem pavimentação), os rurais são, portanto, reféns da política municipal vigente de manutenção – capina, técnicas de conservação e fluxo de águas fluviais, cascalhamento e manutenção e melhorias das vias. De modo geral, durante a pesquisa de campo os caminhos eram positivamente trafegáveis, ou seja, sem problemas que impedissem ou dificultassem o deslocamento. Entretanto, é importante destacar que a pesquisa não se deu no período chuvoso, o que poderia ser um fator problemático em alguns trechos.

As variáveis não-métricas foram analisadas por meio de estatística descritiva e as variáveis métricas por meio de Análise Exploratória dos Dados (AED). Também realizamos tabulação cruzada e Teste de *Friedman* não-paramétrico. Para Babbie (1999) o uso da estatística social é um método importante, pois, envolve medidas sobre uma população a partir de sua amostra.

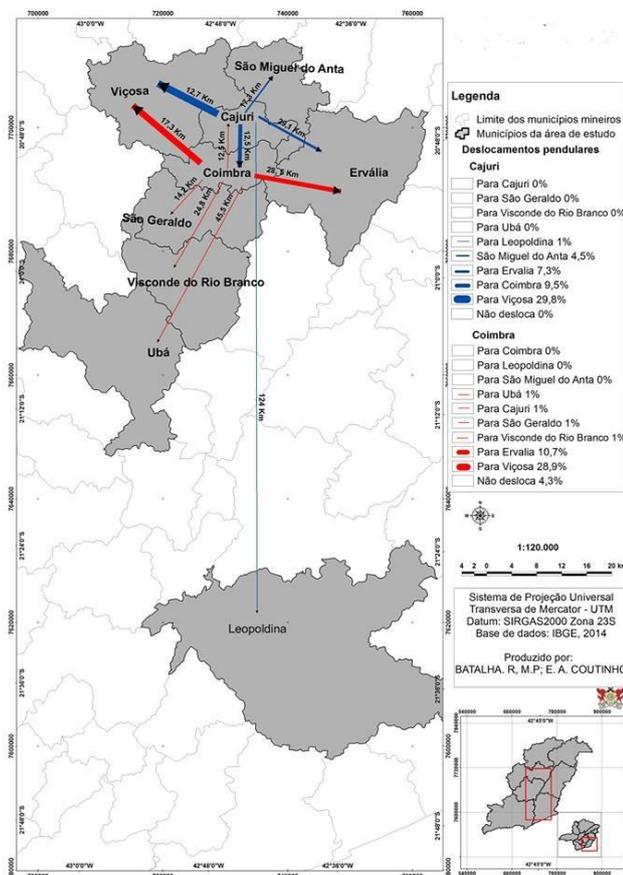
Resultados

¹¹ Foi respeitada a Resolução 196/96/CNS/MS relativa as pesquisas científicas com crianças e adolescentes.

Os dois municípios pesquisados, Coimbra e Cajuri localizados no estado de Minas Gerais/Brasil, além de apresentarem características demográficas similares: menos de 20.000 habitantes e densidade menor que 80 habitantes por Km² - quadro representativo de 80% municípios brasileiros -, apresentavam, ambos, economia de base agrícola, com proeminência do cultivo do café e tomate.

Considerando-se os fluxos mais comuns realizados pelos rurais de Cajuri e Coimbra constatou-se que eles se deslocavam com maior frequência do campo para sede do próprio município do que outro município, provavelmente pela distância ser menor, para a maioria das comunidades sorteadas e também pela busca de serviços públicos ofertados pelo município de origem, como saúde, por exemplo. Os fluxos para fora do município de origem apresentaram média de 6,61 vezes ao mês versus 11,8 vezes de deslocamentos para o próprio município. Este dado é salienta que a mobilidade cotidiana dos rurais se efetiva, predominantemente, dentro dos próprios municípios, onde eles buscam satisfazer suas demandas cotidianas.

MAPA 2: Os deslocamentos cotidianos do campo de Cajuri e de Coimbra para outras cidades



Fonte: Base de dados IBGE, 2014. Produzido por BATALHA, R.M.O.; COUTINHO, E. A.

O menor número de deslocamentos verificado mensalmente foi 0 (zero) para os que não se deslocavam e o máximo de 60 vezes, apontando para a possibilidade de a mobilidade (poder) ocorrer mais de uma vez por dia. Em relação ao tempo gasto para se deslocarem de casa até a cidade apresentou uma média de 22 minutos, com tempo máximo de 120 minutos. A média percorrida foi de 6,69 km, tendo sido a distância máxima de 17 km.

No que se refere ao tempo gasto, os deslocamentos para outros municípios, constatamos que os rurais gastavam em média 34,26 minutos, podendo alcançar até 2 horas de viagem. Para fins de exemplificação das distâncias para outros municípios, que variam muito a depender da localização da residência e da comunidade rural, a menor e maior distância entre a sede dos municípios de Cajuri e Coimbra para outros municípios variam em torno de 15 km e 60 km. A distância do deslocamento para outros municípios também foi superior em relação aos fluxos intramunicipais, apresentando média de 19,30 km, tendo a maior distância chegando a 130 km, para município que não está no entorno de Cajuri e Coimbra. A tabela 2 sintetiza as principais informações relativas às variáveis de frequência, tempo e distância dos deslocamentos do campo para o próprio município e para outro município.

Tabela 2: Síntese dos Deslocamentos Campo-Cidade

	Deslocamentos Próprio Município/mês	Deslocamentos Outro Município/mês
Média de deslocamentos	11,8	6,61
Frequência mínima e máxima	0 – 60 vezes	0 – 60 vezes
Distancia média	6,69 km	19,30 km
Distância mínima e máxima	0 – 17 km	0 – 130 km
Tempo médio	22 minutos	34,25 minutos
Tempo mínimo e máximo	0 – 120 minutos	0 – 120 minutos

Fonte: Dados da pesquisa, 2014. Elaboração: autores.

Quanto aos meios de transportes utilizados pelos rurais se deslocarem para a cidade, não existia uma homogeneidade em relação às formas utilizadas para a locomoção. Constatou-se a utilização de carros, motos, camionetes, ônibus e, ainda, a existência de pessoas que faziam os trajetos caminhando, de bicicleta, de charrete e a cavalo. Todavia, 82,1% dos casos o faziam por meio de veículos motores. Há trechos em que as estradas são

estreitas muitas vezes havendo pouco espaço para um caminhão e um carro de tamanho médio. Outras mais amplas por onde circulam pessoas, animais que são cuidados e “tocados” por cavaleiros. A principal dificuldade de deslocamentos se dá em época de estiagem, quando a poeira se torna volumosa, e em períodos de chuvas, quando o barro/lama se forma, ainda que haja políticas de melhoria das estradas. É comum que proprietários mais capitalizados realizarem melhorias pontuais em vias, como uso de cascalhos e pedras próximo às suas propriedades.

Percebe-se que os meios de transportes motores tem se tornado mais comum no dia a dia dos rurais. Majoritariamente nas propriedades visitadas havia carro e/ou moto, todavia não há um abandono das formas tradicionais como a charrete e a bicicleta, por exemplo. O expressivo volume de deslocamentos realizado por meios motores representa menor isolamento entre o campo e a cidade, fato que proporciona maior rapidez e fluidez nos fluxos cotidianos e expressa uma sociedade aberta ao consumo.

No que diz respeito às finalidades dos deslocamentos, questão central desta pesquisa, para entender quais os motivos que levavam as pessoas a se deslocarem e relações com seus modos de vida identificamos dez fatores principais. As respostas foram analisadas a partir do Teste de *Friedman* que estabelece um *ranking* das respostas, o que permite apontar quais eram as principais causas dos deslocamentos cotidianos campo-cidade entre os rurais pesquisados. O Teste de *Friedman* não utiliza os dados numéricos diretamente, mas sim a ordenação feita para cada grupo separadamente, isto é, utiliza o *ranking* valorativo atribuído pelos entrevistados ao invés dos valores brutos para o cálculo da estatística de teste (TRIOLA, 2005).

Tabela 3: Finalidades da Mobilidade Cotidiana Campo-Cidade

Fatores	Classificação	Rank
Compras pessoais/domésticas	1º	8,34
Saúde	2º	6,73
Visitar parentes e amigos	3º	6,38
Religião	4º	6,01
Lazer/esportes	5º	5,82
Compras para a propriedade	6º	5,58
Reuniões	7º	5,06
Outra	8º	4,00
Estudar	9º	3,56
Trabalhar	10º	3,52

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014. Elaboração: autores.

Conforme a tabela 3, as finalidades para os deslocamentos apresentam no acesso comercial sua finalidade mais expressiva. Tal evidência confirma que os deslocamentos entre o campo e a cidade não se realizariam predominantemente para trabalhar ou estudar, já que

ambas as finalidades foram superadas por demandas referentes ao consumo. Em sequência, a mobilidade apresenta motivos de saúde, visitas a parentes e amigos, por questões religiosas e para a realização de compras para a propriedade¹². Estes fatores expressam troca material e cultural dos rurais com a cidade, apesar de serem comunidades essencialmente agropecuárias marcadas por um modo de vida simples.

O fator trabalho, ao contrário da realidade das metrópoles, não se mostrou um fator relevante na mobilidade rural estudada, o que pode ser explicado pelos 56,7% de rurais que têm atividades diárias ligadas ao trabalho no campo. Desse total, o volume de pessoas que exerciam algum tipo de atividade remunerada na cidade, os chamados pluriativos era de 5,3%. Entre aqueles que apenas residem no campo, 3,1%¹³ dos entrevistados, tinham como fonte de renda atividade remunerada na cidade. A ilustrar, mapeamos profissões de secretária, vendedor de produtos agropecuários, professor e servidor público. Segundo Kageyama (2008), este processo de abertura de novas frentes de trabalho para a população das pequenas cidades e do campo vai gradativamente, substituindo a migração para os grandes centros e em algumas localidades possam aumentar o deslocamento de ida e retorno entre campo e cidade.

Os deslocamentos intramunicipais e extramunicipais entre campo-cidade foram identificados e analisados também de acordo com o Teste de *Friedman*. Os resultados da tabela seguinte apontaram que os rurais se deslocavam, com maior frequência, primeiramente, para o próprio campo; em segundo lugar, do campo para a cidade, no próprio município; em terceiro lugar, do campo para a cidade em outro município e, por último, para áreas rurais de outros municípios¹⁴.

Tabela 4: *Ranking* das Localidades dos Deslocamentos

Deslocamentos	Classificação	Rank
Do campo para o campo no próprio município	1	3,30
Do campo para a cidade no próprio município	2	3,06
Do campo para a cidade em outro município	3	2,20
Do campo para o campo em outro município	4	1,45

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014. Elaboração: autores.

¹² Após a ordenação, foi testada a hipótese de igualdade da soma dos postos de cada grupo. A estatística do teste foi de 218,316 com p valor de 0,000 menor que 0,005 ao nível de significância de 5% o que confirma a existência de evidências de que os fatores para deslocamento não são todos iguais e o ranqueamento é válido.

¹³ Para este cálculo os aposentados não foram considerados por não estarem diretamente vinculados a atividades laborais.

¹⁴ A estatística do teste é de 121,500 para o p valor 0,000 menor que 0,005 validando o *ranking* realizado.

Estes dados demonstram que apesar de as causas dos deslocamentos terem se ligado ao consumo de bens ofertados na cidade, as relações sociais estabelecidas no próprio campo ocupam, sobremaneira, a vida dos rurais pesquisados. Estes deslocamentos, assim como os movimentos campo-cidade têm sido facilitados pelos meios de transporte motores, especialmente. De modo geral, pode-se dizer que com a revolução tecnológica a partir dos anos de 1960, efeitos conjugados com a revolução dos meios de transporte, de comunicação e de informação contribuíram largamente para a aproximação dos intercâmbios entre os moradores do campo e da cidade (CARNEIRO, 1998). Os deslocamentos das pessoas propiciam trocas materiais e simbólicas que os rurais experienciam na cidade e são socializadas no retorno ao campo. Estes fenômenos contribuem para a expansão de características da emergência da urbanização das sociedades rurais. Logo, os processos de urbanização via penetração da cultura urbana nas sociedades rurais, vem interiorizando o fenômeno urbano em graus muito diversos (KAGEYAMA, 2008).

As especificidades de faixa etária nos deslocamentos cotidianos dos rurais

Diante da compreensão geral dos deslocamentos, toma-se aqui como referência os fluxos realizados entre as faixas etárias com o intuito de auxiliar na percepção de determinadas peculiaridades. Rambaud (1973) concluiu que o processo de urbanização das sociedades rurais na França, Pós-Segunda Guerra Mundial, se manifestava de forma diferenciada para homens, mulheres, jovens e idosos, guardando, portanto, especificidades, que tornavam tal processo heterogêneo e temporalmente diferenciado. Os jovens e as mulheres, de modo característico, manifestavam maior abertura à cultura urbana, pela possibilidade de ganhar dinheiro fixo e, conseqüentemente, de conquistarem maior autonomia e status familiar.

Nos municípios de Cajuri e Coimbra, os jovens também se mostraram adeptos da cultura urbana. Os entrevistados de 15 a 19 anos conforme já mencionado, declararam em sua maioria, ter vontade de viver na cidade. O participante de número 53 desta pesquisa declarou que sua permanência no campo estava associada a fatores econômicos: *“ainda não parti, porque não tive como ir embora. Ainda sou dependente da mãe e do pai”*.

Quanto ao vínculo com a cidade estabelecido a partir dos deslocamentos, observou-se que, independente da faixa etária, a ida à cidade sanava demanda de produtos pessoais e para o lar. Nos estratos acima de 30 anos, apareceram, ainda, dentre as finalidades manifestadas, aquelas relativas à saúde, às compras para a propriedade e às questões

religiosas. Acima de 60 anos de idade os respondentes declararam em 32,5% das vezes que os deslocamentos para cidade eram necessários para receber o benefício da aposentadoria. Sobre “o dia da aposentadoria” relatamos que este movimento feito pelas pessoas idosas já havia sido mapeado por assaltantes que tinham como alvo os aposentados rurais. Importante ainda lembrar que a aposentaria cumpre um papel de destaque na contribuição da renda familiar e conseqüentemente na capacidade que famílias encontram de “consumir a cidade” (BARROS, et. all. 2017). Cabe destacar que ao contrário do que acontece nas grandes cidades, o deslocamento para trabalhar não se constituiu no principal fator impulsionador do deslocamento campo-cidade, visto que grande parte dos rurais, aproximadamente 58% tinha no campo o seu *lôcus* de trabalho.

Na faixa etária de 15 a 19 anos os deslocamentos ocorriam para estudo, todos os entrevistados estavam regularmente matriculados no ensino médio e este estar nucleado na cidade. A segunda motivação deste grupo se dava para a realização de compras pessoais /domésticas e atividades ligadas ao convívio social (visitar amigos, sair e praticar esportes). As finalidades menos comuns nas respostas dos jovens estavam relacionadas ao trabalho, bem como à realização de compras para a propriedade e para a procura de serviços de saúde.

Para Rambaud (1973) a escola se constituía em um importante veículo de transmissão da cultura urbana aos jovens rurais. Os jovens entrevistados expuseram insatisfação em relação ao trabalho penoso no campo e manifestaram grande apreço pela escola, em função do desejo de adquirir uma profissão. Como os municípios estudados não possuem centro de ensino superior e/ou técnico, os jovens vão tendem a se mudar ou realizarem deslocamentos pendulares para outros municípios. Alguns dos depoimentos dos jovens explicam a importância que atribuíam à escola e a estima à cultura urbana:

“Porque na roça não tem condições, o trabalho é pesado então eu quero sair. Não quero ficar pelo tipo de trabalho. Quero ir para a cidade, porque eu quero continuar os estudos” (Participante 04, homem, 17 anos).

“Queria fazer psicologia, em Viçosa. Ah! Lá tem mais opção de emprego, posso continuar os estudos, tem oportunidade de futuro” (Participante 08, mulher, 20 anos).

Os jovens adultos, entre 20 e 30 anos, manifestaram como causas principais para os seus fluxos a realização de compras pessoais/domésticas; a busca por serviços de saúde; a realização de compras de produtos relacionados ao manejo da propriedade e outras prioridades (que serão discutidas mais à frente). Apresentaram baixa frequência vinculada ao

deslocamento associado às práticas religiosas, à participação em reuniões sociais¹⁵ e à procura por serviços de saúde.

Os adultos maduros na faixa de 40 a 49 anos se deslocavam, prioritariamente, para fazer compras pessoais/domésticas, mas apresentavam outras finalidades para o deslocamento, entre elas as compras para a propriedade e a visita a parentes e amigos. Atividades relacionadas ao estudo, lazer, trabalho e frequência a reuniões sociais se constituíram nos fatores menos comuns relacionados ao deslocamento cotidiano pendular e circular. Já os adultos maduros, na faixa compreendida entre 50 e 59 anos, tinham as finalidades de deslocamento, também voltadas para as compras pessoais/domésticas, tais como os da faixa entre 40 - 49 anos, mas, apresentavam, também, forte motivação vinculada a fins religiosos. As idas à cidade por motivos religiosos eram rotineiras em algumas comunidades no cotidiano dos rurais acima de 50 anos. A busca por serviços de saúde e as visitas a parentes e amigos apareceram em sequência como prioridades, enquanto fatores como estudo, trabalho, compras para a propriedade e práticas de lazer ou esporte surgiam como as finalidades menos comuns para os fluxos campo-cidade.

Por fim, as pessoas acima de 60 anos, apresentaram uma particularidade: neste grupo as finalidades para os deslocamentos, estavam relacionadas à busca dos serviços de saúde. Em seguida, a finalidade que se destacou foi as compras pessoais /domésticas. As finalidades menos importantes para o deslocamento foram: estudar, trabalhar, reuniões sociais e a prática do lazer. Ou seja, jovens e idosos apresentavam finalidades diametralmente opostas para direcionar os seus deslocamentos.

Em resumo, pode-se aceitar com base nos dados apresentados, que as análises feitas por faixa etária corroboram para afirmar que os deslocamentos cotidianos dos rurais se realizavam em torno de questões a consumo e bens urbanos. No entanto, para além desta lógica há especificidades, relativas às faixas etárias: os jovens se deslocam para estudar e ter lazer; os idosos pelas questões relativas à saúde e à religião; e os adultos maduros para fazer compras e transações bancárias, prioritariamente.

As especificidades de gênero nos deslocamentos cotidianos dos rurais

A mobilidade espacial pode apresentar, também, distinções relativas ao gênero. Rambaud (1973) ao perceber que as mulheres possuíam uma maior abertura cultural para a cidade, em comparação aos homens, assegurou que este comportamento estava associado

¹⁵ As reuniões referem-se a encontro no sindicato dos trabalhadores rurais, reuniões na prefeitura, na Emater, em igrejas e de outras organizações.

ao fato das restrições normativas que elas estavam submetidas nas sociedades rurais. Por este motivo a cultura urbana seria mais facilmente incorporada pelas mulheres, pois, seria vista como uma potencial porta de acesso à maior igualdade entre os gêneros.

Todavia, o “fascínio” pela cidade não revelou que as mulheres pesquisadas se deslocassem para cidade de modo mais expressivo que os homens. Isto se explicou pela menor renda, divisão sexual do trabalho e também na dependência que as mulheres apresentam para se deslocarem. Juntos estes fatores contribuem para condições de maior permanência das mulheres no âmbito doméstico quando comparadas aos homens. Além disso, ao se aprofundar a análise das finalidades de homens e mulheres, percebemos aspectos distintivos nas motivações entre ambos.

As mulheres apresentavam demandas relacionadas aos serviços de saúde e às práticas religiosas. As finalidades envolvidas nos deslocamentos das mulheres estavam relacionadas ao papel da mulher na sociedade, tradicionalmente ligado aos cuidados com a casa e a criação dos filhos. As causas que menos exerceram influência sobre o deslocamento das mulheres foram o estudo, o trabalho, as compras para a propriedade e reuniões.

Quanto aos homens, as finalidades expressas como as menos importantes para o deslocamento foram o trabalho, reuniões e lazer. Percebeu-se que as mulheres se deslocavam por finalidades mais variadas que os homens. Eles se deslocavam basicamente para fazer compras atreladas às atividades exercidas na propriedade. As especificidades de gênero masculino condensam atividades que envolviam trâmites bancários, acompanhamentos de terceiros à cidade, entre outras.

As atividades refletem o papel social tradicional atribuído aos homens e mulheres. Enquanto eles combinam as tarefas de administradores da propriedade, mantenedores da casa, com as atividades de lazer, as mulheres, mesmo quando estão nos espaços urbanos, se mantêm voltadas para as atividades relativas ao gerenciamento da casa e o cuidado da família.

Considerações finais

As mudanças no retrato que se tem do campo são geralmente expressas pela presença de atividades outras que não essencialmente agropecuária, isto é, pela presença de indústrias, turismo, vilas, etc.. Apesar de as mudanças na paisagem ajudarem a explicar muitos dos fenômenos que vem ocorrendo no campo brasileiro, como perceber mudanças no campo em pequenos municípios onde não há pujança econômica e grandes transformações na paisagem? Estariam as pessoas deste campo ainda fortemente integradas a modos de

vida tradicionais? Partindo do pressuposto que os municípios pesquisados compõem uma fotografia de um rural comum no campo brasileiro e que os deslocamentos cotidianos campo-cidade refletem elementos para além do deslocamento físico em si, este artigo identificou os motivos e as relações estabelecidas na cidade.

Os resultados apontam que, de modo geral, as finalidades relacionadas aos deslocamentos dos rurais estavam voltadas, principalmente, para a realização de compras pessoais e domésticas. Isto demonstra que o vínculo com o urbano muito pode ser explicado pelo consumo de bens e serviços marcando um modo de vida rural mais receptivo aos padrões urbanos. Esta relação com aos padrões de consumo deixaram de ser voltados para a autossustentabilidade e se voltavam para o mercado. O consumo é uma “porta de entrada” para incrementos nos modos de vida dos rurais que vão se transformando ao passo que buscam e tem acesso a bens e mercadorias, sem perder o vínculo com o rural, isto é o consumo funciona como um relevante mecanismo de trocas materiais e culturais.

As causas dos deslocamentos não se resumem às demandas voltadas apenas por aspectos econômicos e estão relacionadas a fatores culturais que balizam as escolhas dos rurais, inclusive entre os jovens com expectativas de fluxos para outros municípios. Os deslocamentos humanos, especialmente no período pós-fordista, pós anos 1980, tendem a acentuar novas trajetórias e características. Se anteriormente a mobilidade cotidiana campo-cidade não era frequente, atualmente, ela ganha novas nuances e diferencia-se em relação ao sexo e faixa etária, conforme este estudo demonstrou.

Os principais fatores para os deslocamentos podem servir como indicadores para a formulação e execução de políticas públicas, visto que o fluxo cotidiano se dá em virtude da busca de bens e serviços instalados no espaço urbano. Isto se torna uma problemática ao passo que serviços públicos e direitos a lazer, por exemplo, são concentrados no espaço urbano e constituem um direito de todos os cidadãos. Posto isto, a mobilidade espacial pode se constituir em um vetor de interiorização do processo de urbanização e de manifestação dos interesses das sociedades rurais. Deste modo, as transformações dos modos de vida em sociedades rurais não se dão de modo homogêneo e causador de perda de vínculo com o campo. Ao contrário, estes resultados reforçam o rural enquanto produtor de modos de existência, e mais do que isso, ele se funciona também como um agenciador de modos de vida a partir da interface com o urbano. E por fim, o quanto estudar o campo passa pelo entendimento cultural dos sujeitos e de suas demandas.

Referências

- BABBIE, E. . **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BARROS, V. A. M de.; FIUZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A.. Habitus of social security in the lifestyles of rural families: the case of the São Miguel do Anta and Piranga municipalities in Zona da Mata Mineira, Brazil. **Ciência Rural**, v. 47, p. 1, 2017. (RJ), v. 21, p. 160.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, (11), 1998, p. 53-75.
- CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre pequenas cidades. **Território/Lajet**, ano IV, (6), 1999, p. 43-53.
- CUNHA, J. M. P.. Migração e urbanização no Brasil alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**, 19 (4), 2005, p. 3-20.
- ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no Noroeste do Paraná**. 2006. 505p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- _____. **Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras**. Belém: FASE/ICSA/UFPa, 2009.
- _____. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M.E.B. WHITACKER, A.M. (org.). **Cidade e campo: relações e Contribuições entre urbano e rural**. São Paulo: Editora Expressão popular, 2010, p. 11-31.
- FAVARETO, A. S.. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Iglu, FAPESP, 2007.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível:<< <http://censo2010.ibge.gov.br/>>>. Acesso em 20 de março de 2013.
- _____. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. Em B. Oliveira, L. A. P., y Oliveira, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2011.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1999
- KAGEYAMA, Â. **Desenvolvimento Rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- MACIEL, L. M., y FAVORETTO, T. M.. **Migração e mobilidade pendular entre famílias de trabalhadores rurais no interior de São Paulo**. *ABEP*, (7), 2012. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[304\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[304]ABEP2012.pdf). Acesso em 02 de fevereiro de 2014.
- PEREIRA, R. H. M.. Estrutura Urbana e Deslocamentos Pendulares: localização relativa de empregos e trabalhadores na Região Metropolitana de Campinas. **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2008, Caxambu-MG, Brasil.
- PEREIRA, R. H. M., y HERRERO, V.. Mobilidade Pendular: Uma Proposta Teórico-Metodológica. Em B. Aidar, T., y Pelaez, e. (Org.). **Estudos demográficos na Argentina e**

Brasil: resultados de cooperação entre estudantes e docentes da Unicamp e UNC. Campinas: SPU/AR e CAPES/BR, Vol. 1, 2011, pp. 106-127.

RAMBAUD, P. **Société rurale et urbanization**. Paris; Editions Du Seuil, 1973.

RIBEIRO, L. C. Q., y Pasternak, S. (coord.). **Movimento pendular da população na região Sul** – Relatório de atividades 4. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ. 2009, 75 p.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. 1ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 61-93.

STAMM, C., y STADUTO, J. A. R. Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo, no Paraná. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, 25(1), 2008, p. 131-149.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida - Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Série Estudos Rurais.

_____. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociedade e Agricultura** (UFRJ), v. 17, 2009, p. 60-85.

VAINER, C. B.. **Deslocamentos compulsórios, restrições à livre circulação: elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório**. 2013. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a153.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2014.

Sobre os autores

Elenice Aparecida Coutinho – Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professora de geografia na Escola de Aplicação (Universidade Feevale). **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0002-8465-0988>

Ana Louise de Carvalho Fiúza – Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Especialização em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Pós-Doutorado no Centro de Investigações em Ciências Sociais da Universidade do Minho (Portugal).

Como citar este artigo

COUTINHO, Elenice Aparecida; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. A mobilidade cotidiana campo-cidade nas sociedades rurais em Cajuri e Coimbra/MG. **Revista NERA**, v. 22, n. 49, p. 59-82, 2019.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. Este artigo apresenta parte de dados coletados no trabalho de dissertação de mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda autora. A autora **Elenice A. Coutinho** ficou especialmente responsável pela aquisição de dados, escrita, desenvolvimento teórico-conceitual; interpretação e análise a segunda autora **Ana Louise de Carvalho Fiúza** contribui no desenho da pesquisa, no desenvolvimento teórico-conceitual e nos procedimentos técnicos do artigo..

Recebido para publicação em 03 de julho de 2018.
Devolvido para a revisão em 08 de setembro de 2018.
Aceito para a publicação em 24 de outubro de 2018.
